

Mídia, juventude, suicídio e sala de aula: uma abordagem empírico-analítica

Denise Tavares

Doutora em Integração Latino-Americana pela Universidade de São Paulo (Prolam/ USP), professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação Mídia e Cotidiano e do Departamento de Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Co-líder do Multis – Núcleo de Estudos e Experimentações do Audiovisual e Multimídia.
E-mail: denisetavares51@gmail.com

Walcéa Barreto Alves

Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), professora da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense (UFF). Líder do Núcleo de Estudos em Comunicação e Educação, Etnografia e Representações Sociais (Neceers).
E-mail: walceaalves@id.uff.br

Resumo: Este artigo apresenta e discute a experiência de três oficinas realizadas junto a graduandos de comunicação e educação, que abordaram a relação entre mídia, juventude e suicídio, considerando a realidade da sala de aula. O texto inicia com os conceitos e informações que balizaram a proposta, em seguida destaca as principais discussões e questões debatidas nos encontros, e encerra demarcando as reflexões e possibilidades originadas desta pesquisa empírico-analítica, sob a perspectiva de potencializar os processos de letramento midiático frente às narrativas sobre suicídio e dor extrema. De caráter interdisciplinar, a pesquisa dialoga com Paulo Freire, John B. Thompson, Susan Sontag, Adilson Citelli, entre outros.

Palavras-chave: mídia; juventude; suicídio; educação; letramento midiático.

Abstract: This article presents and discusses the experience of three workshops held with undergraduate students in communication and education, which addressed the relationship between media, youth and suicide, considering the reality of the classroom. The text begins with the concepts and information that guided the proposal, then highlights the main discussions and issues debated in the meetings, and ends by outlining the reflections and possibilities arising from this empirical-analytical research, from the perspective of enhancing media literacy processes in the face of narratives about suicide and extreme pain. With an interdisciplinary nature, the research dialogues with Paulo Freire, John B. Thompson, Susan Sontag, Adilson Citelli, among others.

Keywords: media; youth; suicide; education; media literacy.

Recebido: 19/08/2024

Aprovado: 30/10/2024

1. INTRODUÇÃO

Os dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) divulgados em seu relatório de 2019¹ apontam para um aumento, em nível global, de lesões autoprovocadas e consequente ampliação de mortes entre jovens de 10 a 29 anos. O mesmo relatório também afirma que “a maioria dos adolescentes que morreram por suicídio (88%) eram de países de baixa e média renda, onde quase 90% dos adolescentes do mundo vivem”². Diante desse quadro, a OMS e outros órgãos vinculados à prevenção do suicídio têm ressaltado, cada vez mais, a necessidade de atuações interdisciplinares como estratégias para a reversão desses indicadores, com destaque ao papel da mídia nesse processo. Trata-se de uma proposta que implica vencer imensos desafios, já que a temática do suicídio, pelo menos no ocidente, além de seguir protocolos éticos, continua atravessada por uma série de tabus e incompreensões que reverberam nas dificuldades de determinados estudos e promoção de amplos debates, inclusive nos espaços de educação formal.

Considerando esse contexto, a proposta deste artigo, que integra projeto mais amplo³, é contribuir para o debate dessa temática na perspectiva do letramento midiático, recortando aqui a experiência de oficinas⁴ realizadas com graduandos do ensino superior, a maior parte discentes da educação e comunicação. Essas oficinas foram elaboradas sob o duplo objetivo de definir e discutir as percepções e imaginários sobre o suicídio e dor extrema com esses participantes, considerando a possibilidade (ou não) de abordar esse tema em sala de aula. Para tanto, valeu-se de um diálogo interdisciplinar balizado, em especial, pela proposta de educação dialógica de Paulo Freire⁵, problematizada conforme o cenário atual, altamente atravessado pela mídia, com destaque ao consumo de audiovisual e imagens em múltiplas telas⁶. Tal recorte considera o papel da mídia como produtora de sentidos⁷ em seus processos de também fabular representações⁸, portanto, a mídia como capaz de pautar visões e versões da temática abordada.

Sob essa proposta, o texto se inicia apresentando as bases teóricas que orientaram a pesquisa e, consequentemente, as propostas das oficinas. Depois, destaca os principais debates e reflexões que ocorreram nesses encontros e, finalmente, concluindo, problematiza e discute os diagnósticos e tensões elencados, considerando o horizonte de potencializar os processos de letramento midiático frente às narrativas dos produtos de mídia, especialmente o audiovisual, sobre suicídio e dor extrema. Outra expectativa é a de que pesquisas sobre o tema encontrem neste estudo chaves relevantes para abordar as várias faces da temática que o mobilizou, particularmente reconhecendo as contribuições da relação comunicação-educação. Vale reforçar que se trata de um estudo exploratório e que optamos por manter o anonimato dos 40 participantes dos encontros porque o tema, em si, como já colocado, envolve questões éticas de alto impacto.

1. UMA em cada 100 mortes ocorre por suicídio, revelam estatísticas da OMS. **Opas**, Washington, D.C., 17 jun. 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/17-6-2021-uma-em-cada-100-mortes-ocorre-por-suicidio-revelam-estatisticas-da-oms>. Acesso em: 26 jun. 2021.

2. WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Suicide worldwide in 2019**: Global Health Estimates. Geneva: WHO, 2021. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240026643>. Acesso em 3 dez. 2024. p. 7. Tradução nossa.

3. Projeto *Juventude e suicídio: percursos midiáticos e suas interfaces com a educação*, contemplado pelo Edital da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) – Apoio a Grupos Emergentes (2019-2024), do qual as autoras fazem parte.

4. Título das oficinas: “Mídia, juventude e suicídio: ‘como viver o mundo em termos de esperança?’”.

5. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 84. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

6. LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A tela global**: mídias culturais e cinema na era hipermoderna. Porto Alegre: Sulina, 2009.

7. SOARES, Rosana de Lima; MIRANDA, Amanda Souza de. O narrador nos realismos audiovisuais: formas narrativas informativas e ficcionais. In: BARROS, Laan Mendes; MARQUES, José Carlos, MÉDOLA, Ana Silva (org.). **Produção de sentido na cultura midiaticizada**. Belo Horizonte: PPGCom/UFGM, 2020. p. 279-294.

8. HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Apicuri, 2016.

2. PRINCÍPIOS E DEBATES ORIENTADORES DA ELABORAÇÃO DAS OFICINAS

O suicídio é uma questão social que tem sido pesquisada com mais frequência na área da saúde, sendo presente também nas ciências humanas. No entanto, a despeito da onipresença cotidiana da mídia, em levantamento realizado entre 2019 e 2021, foram encontrados apenas alguns estudos e artigos ligados à comunicação, em especial na articulação com a saúde, e/ou em abordagens de outras áreas que discutiam a circulação de informações nas mídias tradicionais e digitais sobre a temática⁹. O quadro, a nosso ver, convoca mais pesquisas a partir desse campo, já que, entre outros impactos sociais e culturais, os meios de comunicação têm “uma dimensão simbólica irreduzível”¹⁰, constituindo sentidos e estabelecendo conexões sógnicas que são criadas, transmitidas e recriadas. A esse olhar acrescentamos, no enquadramento aqui proposto, incluir a conexão entre comunicação e educação, por compreender ambas como atividades sociais inerentes ao compartilhamento de saberes que perfazem o cotidiano.

Assim, na elaboração das oficinas, parte-se da premissa de que a comunicação, também em função do avanço das tecnologias, se tece cada vez mais entremeadada pelo uso de meios que ressitua os *modus vivendi* dos indivíduos, criando outros modos de agir e interagir. Estes performam distintos tipos de relações sociais e novas formas de se relacionar consigo mesmo e com os outros¹¹. Não bastasse, concordamos que está em curso um processo de mediação, que “se põe hoje como principal mediação de todos os processos sociais”¹². Nesse enfoque, compreende-se que surgem, diante de novos enquadres socio-comunicacionais, também novos processos de compreensão e de leitura do mundo – portanto, uma demanda por novos letramentos. Essa perspectiva de letramento remete ao olhar de Freire¹³ sobre a dinâmica relação que vincula linguagem e realidade. Para o autor, a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra. Esta é lida compreendendo-se o seu contexto, e se constitui para além de uma manipulação mecânica de códigos linguísticos.

Concordar com essas colocações consolidou a ideia de que é realmente necessário construir espaços de letramento para haver uma leitura crítica das mídias a fim de potencializar a criação de outras narrativas com relação ao tema tratado, enfocando as representações midiáticas da dor extrema (sendo esta entendida como um “desmoronamento mudo no corpo”¹⁴) e do suicídio. Este foi compreendido conforme Durkheim¹⁵, isto é, como fato social e não individual, o que coloca o ato de tirar a própria vida em um contexto de implicações exteriores, coercitivas e gerais. Ou seja, deve-se olhar para o suicídio também enquanto categoria social e reflexiva, entendendo a reflexividade como ato de espelhamento do outro, o que implica o sujeito em um descentramento das próprias perspectivas para uma perspectiva interacional de exteriorização da consciência e um retorno a si – processo motor de reflexão e significação¹⁶.

Sob essas discussões e posições, as oficinas buscaram interconectar as dimensões da comunicação e educação enquanto espaços formativos interacionais que se

9. GONÇALVES, Carolina Resende. **Diante de uma questão de saúde pública, haja consciência!** Mediações, narrativas e circulação de sentidos sobre o suicídio. 2022. Dissertação (Mestrado em Informação e Comunicação em Saúde) – Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2022.

10. THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1998, p.15.

11. THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 17-44

12. BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: JANOTTI JR, Jeder; MATTOS, Maria Ângela; JACS, Nilda (org.). **Mediação & mediação**. Salvador: Edufba, 2012. p. 31-52. p. 51.

13. FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

14. NASIO, Juan-David. **O livro da dor e do amor**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. p. 58.

15. DURKHEIM, Émile. **O suicídio**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

16. ALVES, Walcéa Barreto; RANGEL, Mary. **A escola no espelho**: as representações do aluno. Niterói: Eduff, 2019.

abrem a possibilidades de processos de letramento, objetivando, mediante a leitura crítica das mídias, ressignificações e disrupturas nas concepções e sentidos da dor, do viver e do morrer. E como a proposta era articular uma pesquisa analítica e aplicada, de caráter interdisciplinar, buscando trazer contribuições para as áreas da comunicação e da interface entre comunicação e educação, tornou-se imperativo, também, definir um processo que fosse mais focado na linguagem, pois

A linguagem não é apenas a forma como o mundo é representado, mas antes o meio pelo qual o mundo é possível. Nomear e enunciar algo é criar, pensar, agir e transformar esse algo, seja este o mundo físico, as ideias ou sentimentos. Não por menos, tanta atenção tem sido dada aos discursos por cientistas sociais, psicólogos, publicitários, políticos e jornalistas, entre outros¹⁷.

Ou seja, assumiu-se que cabia às oficinas abrirem espaços para análises e processos de construção de narrativas midiáticas, tecendo relações com aspectos psicossociais, comunicacionais e educacionais, pontuando-os numa perspectiva de criação de novos cenários mais positivos e ressignificados, que impactassem as formas de expressão. Em função desses objetivos, elegeu-se o audiovisual e a imagem como principais (mas não exclusivas) linguagens condutoras das atividades. O destaque se dá em concordância ao histórico da presença do audiovisual na sala de aula¹⁸ e ao que apontam Lipovetsky e Serroy¹⁹ quanto à onipresença de múltiplas telas no cotidiano contemporâneo, além das discussões que Susan Sontag faz, ressaltando que a “memória congela o quadro: sua unidade básica é a imagem isolada. Numa era sobrecarregada de informações, a fotografia oferece um modo rápido de apreender algo e uma forma compacta de memorizá-lo. A foto é como uma citação ou uma máxima ou provérbio”²⁰.

Definidos os materiais midiáticos, o trabalho se desenvolveu baseado na apresentação de conceitos pautados pelo senso comum sobre mídia, juventude e dor extrema que foram problematizados em diálogo com as reflexões dos participantes, de modo a construir um vocabulário no sentido destacado por Martins, para quem o senso comum “é comum não porque seja banal ou mero e exterior conhecimento. Mas porque é conhecimento compartilhado entre os sujeitos da relação social. Nela o significado a precede, pois é a condição de seu estabelecimento e ocorrência. Sem significado compartilhado não há interação”²¹. Assim, revisar repertórios passou a ser um dos nortes que abriram a possibilidade de eleger caminhos na perspectiva da leitura crítica das mídias, sob a lógica de um processo de interação que integrasse recepção, avaliação e expressão. Esta última foi muito reforçada pela importância da singularidade, da criatividade, da descoberta de outras interpretações que desvelassem as inquietações que temáticas como a dor extrema e o suicídio trazem à tona, inclusive os interditos e os silenciamentos, além dos cuidados e das questões éticas que são imprescindíveis à abordagem do tema.

Esse enquadramento deve muito às discussões promovidas por várias matizes profissionais que envolvem hoje alguns dos debates do papel da comunicação na prevenção ao suicídio. Dentre eles, destaca-se o trabalho de Fernanda Cristina Marquetti²², que propõe romper com uma visão bastante cristalizada quanto

17. BORGES, Ieda Cristina et al. **Saúde, mídia e comunicação**. Presidente Prudente: CdeA Campos, 2023. p. 20

18. TAVARES, Denise. O audiovisual e as mídias digitais na sala de aula: o desafio de despertar vocações. In: TAVARES, Denise; FARBIARZ, Alexandre; ALVES, Walcea (org.). **Mídia e cotidiano na educação básica**: olhares sobre o letramento midiático. Niterói: Eduff, 2023. p. 148-175.

19. LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A tela...** Op. cit.

20. SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 23.

21. MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 54.

ao suicídio ser um evento de foro íntimo, posição sustentada após sua pesquisa sobre múltiplos episódios de morte de si realizadas em espaços públicos de São Paulo. Essa visão ecoa situações recentes de jovens que usaram as redes sociais para compartilhar os motivos que os levaram a dar fim à própria vida. Trata-se, na maior parte desses registros, de testemunhos diretos quanto à decisão de morrerem²³, configurando avisos prévios do gesto que farão em seguida e até mesmo de gravações audiovisuais do ato em si. Ou seja, esses gestos e motivações tornadas públicas confirmaram, para nós, o diagnóstico da necessidade de uma comunicabilidade do sofrimento, do compartilhamento de uma decisão que vai além do mundo privado, tensionando os silenciamentos que ainda persistem em relação ao suicídio. O desafio, no entanto, era problematizar nas oficinas essas situações sem remeter aos fatos pois, sabemos, há uma série de eventos catalogados como possíveis disparadores da ideação suicida. Portanto, observar com muito cuidado as normas bem específicas sobre como abordar o tema em um lugar público como é a sala de aula se tornou, também, um eixo relevante para a elaboração das oficinas. Particularmente, porque concordamos que, em “linguagem técnica, o suicídio é um comportamento multifatorial e multideterminado resultante de uma complexa teia de fatores de risco e de fatores protetores que interagem de uma forma que dificulta a identificação e a precisão do peso relativo de cada um deles”²⁴.

A percepção de todos esses pontos levou à formulação de uma subdivisão das oficinas. A primeira teve como foco central as imagens, imaginários e interpretações da dor extrema, contrastando com a onipresença da mídia *versus* a singularidade do sujeito. Na oficina seguinte, os exercícios e discussões privilegiaram o debate quanto ao papel da mídia na reeducação dos sentidos, considerando narrativas sobre a dor extrema e a esperança que circulam em produções audiovisuais. Finalmente, no terceiro e último encontro, a linha mestra foi o debate entre o indivíduo e o coletivo, tendo como horizonte os desafios de fabular propostas para enfrentamento do tema. Já os caminhos argumentativos das atividades circundaram o excessivo foco no sujeito, a necessidade de cultivar espaços de sociabilidade e ainda a intangibilidade do ser, mostrando, desse modo, que não há um percurso único, e sim múltiplas ancoragens e possibilidades que devem ser assumidas pela sociedade como um todo e pelas áreas do conhecimento, conforme suas particularidades e conexões com outros saberes.

3. DA LEITURA CRÍTICA DA MÍDIA AO REENCANTAMENTO DO MUNDO

A primeira oficina realizada buscou provocar a problematização e a releitura de imagens sobre a dor extrema que são veiculadas nos circuitos midiáticos online, intencionando trazer a mesma discussão e abordagem para contextos de sala de aula. Sob esse horizonte, iniciamos discutindo como nosso universo simbólico é estruturado por um processo de memória automática, que acessa simbolismos e conceitos gerados no contexto social e cultural e os incorpora nos processos

22. MARQUETTI, Fernanda Cristina. **O suicídio como espetáculo na metrópole**. São Paulo: FapUnifesp, 2011.

23. RIBEIRO, Renata Rezende. Narrativas da dor no cotidiano midiático: fragmentos audiovisuais sobre tentativas de suicídios de jovens no YouTube. In: TAVARES, Denise; GUT-FREIND, Cristiane Freitas; RIBEIRO, Renata Rezende (org.). **Emoções e razões midiáticas**: narrativas e imagens nas redes sociais e no audiovisual. São Roque: Gênio Editorial, 2023. p. 55-76.

24. BERTOLOTE, José Manoel. **O suicídio e sua prevenção**. São Paulo: Unesp, 2012. p. 68.

individuais e subjetivos. Esse dimensionamento, que passa pelo crivo da mídia, está presente nos perfazeres do cotidiano, influenciando e moldando as percepções dos indivíduos. São imagens e significações circulantes acionadas mediante um processo mnemônico, não percebidas de forma explícita, clara e plenamente consciente. Em outros termos, ao se pensar em um conceito ou palavra, automaticamente acessamos uma imagem do nosso campo representacional, que tem como uma de suas fontes as narrativas midiáticas. Para problematizar essa perspectiva, solicitamos aos participantes que expressassem, textualmente ou com imagens, a memória que cada um/uma teria sobre como a mídia representa a dor extrema.

Após um tempo curto para escreverem as respostas, foram debatidos, coletivamente, esses breves textos e/ou imagens. Nessa etapa, um dos resultados mais visíveis foi a percepção da similaridade dos discursos, a despeito das matrizes de dor serem muito distintas, com perceptíveis diferenças de impacto às vidas referenciadas. O descompasso também foi problematizado, o que fez perceber o quanto os códigos linguísticos são absorvidos e levam a posições sem, muitas vezes, ter havido experiências da dor ou perda como, por exemplo, a morte de alguém muito próximo. Conclui-se que isso ocorre em função da cultura compartilhada, o que implica, obviamente, o papel da mídia, em função do já citado processo de midiatização que nos atravessa cotidianamente.

A qualidade desse retorno permitiu discutir como a mídia é capaz de padronizar nossas memórias ao perpassar significados à representação de dor e como é preciso estar atento a essas simbologias. Também foi destacado como os contextos midiáticos perfazem essa dimensão de modo muito intrínseco aos processos de subjetivação, visto que acessam a dimensão afetivo-volitiva, provocando uma captura dos sujeitos via midiatização, tal como coloca Sodré²⁵. Esse diagnóstico ficou ainda mais evidente quando, no momento seguinte, foi exibido um bloco de seis imagens (Figura 1) expostas simultaneamente em um *slide*.

Figura 1: Imagens “da dor” utilizadas na oficina que também foram ressignificadas



Fonte: Banco de imagens online.

25. SODRÉ, Muniz. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis: Vozes, 2006.

As imagens foram observadas em dois momentos. No primeiro, cada grupo de quatro pessoas deveria escolher uma das fotos e propor a sinopse de uma narrativa em, no máximo, três linhas, identificando-a como uma situação de dor. Esse material foi apresentado e discutido. Em seguida, usando a mesma imagem, cada grupo deveria elaborar uma segunda narrativa, mas agora vinculada a uma situação de felicidade, alegria, esperança ou sentimento similar. Ambas as narrativas deveriam ter um título com verbo. O resultado da primeira fase envolveu o uso de verbos e substantivos como perder, separar, vício, solidão, tristeza, desespero, entre outros, que foram aplicados em situações como: jovem sem esperança de futuro; receber uma notícia ruim e se desesperar; imersão no vício de medicamentos; incapacidade de ajudar uma pessoa amiga que está em dor; solidão angustiante; divórcio complicado e dolorido. Essas situações foram apresentadas sob a justificativa de que estariam “vendo” nas imagens tais acontecimentos, em especial pelas expressões dos sujeitos que as compunham e pelas causalidades que imaginavam para o que seus protagonistas estariam passando. Não bastasse, especularam possíveis desdobramentos – quase todos trágicos – às vivências imaginadas.

Em função dessas exposições, os grupos foram convocados a refletir sobre o quanto as imagens, mesmo sem textos, conotam determinadas interpretações, justamente porque as simbologias que as circundam são construídas com base em referenciais e signos muito acionados no cotidiano como representações de perdas, dor, solidão, tristeza e outras situações próximas. Por isso, ressignificar positivamente essas imagens-memória coloca o desafio de se abrir para uma reflexão que quebre tais padrões. Nesse sentido, vale destacar aqui que houve várias reações muito interessantes nos segundos retornos, entre elas, a confissão dos participantes quanto a terem que dialogar bastante em cada grupo para romper com autocensuras e conseguirem buscar novas perspectivas para a imagem escolhida. Esses desafios foram perceptíveis na apresentação das novas narrativas quando as fotos foram ressignificadas de modo singular e sensível. Tanto que, desta vez, os verbos e substantivos que apareceram foram reconciliar, recuperar, superar, consolar, apoiar, amizade, meditação, contemplação, ansiedade por algo bom por vir, entre outras falas também positivas. Além disso, houve unanimidade em reconhecer que o exercício de buscar um novo olhar foi muito importante, pois saídas antes impensadas surgiram no processo de construção coletiva, tendo sido possível articular novos pensamentos e significações.

Uma das participantes, por exemplo, apontou um recorte representacional de gênero ao mencionar que criar uma narrativa para a imagem 6 (Figura 1), onde há um homem e uma mulher de mãos dadas, sentados um em frente ao outro, poderia tanto ser um casal em processo de divórcio (no caso da narrativa da dor) como em processo de conciliação ou aconselhamento terapêutico (no caso da narrativa da esperança). No entanto, essa segunda possibilidade só foi aventada após a proposta de ressignificar a imagem, o que a fez questionar o quanto o grupo reagiu automaticamente no início. Por último, destacou o quanto a visão negativa sobre o divórcio passa por uma série de questões

ligadas a padrões moralistas e conservadores, ressaltando sobre o porquê de as pessoas da oficina não terem dito, por exemplo, que o fim da relação poderia ser um processo positivo para uma mulher que estaria em sofrimento por um relacionamento abusivo, ou por outras motivações, até mesmo o fim do afeto amoroso. Ou seja, o divórcio enquanto fonte de solução e esperança e não como um problema em si.

Em função do limite de espaço, não é possível narrar as diversas interferências e versões que permitiram observar, desde o início das atividades, o quanto uma perspectiva crítica amplifica as percepções, reflexões e, quiçá, mudanças de interpretação em relação a um circuito de representações já muito estratificadas. Tais representações são consumidas de modo quase automático, permitindo um congelamento em termos de relação com a cultura e com os valores sociais, o que impacta as posições e expressões pessoais, tanto que a avaliação dessas atividades pelos participantes foi a de assumirem a relevância de um olhar mais atento e disposto a não se fixar nas versões estereotipadas das produções midiáticas. Isso valeu muito para a proposta de darem título, agora individualmente, a um novo conjunto de imagens, todas elas representando grupos de jovens aparentemente felizes e realizados. A estratégia visava criar uma ponte para a discussão sobre os conceitos e ideias de juventude pois, como se sabe, há hoje uma legítima preocupação de diversos autores quanto à necessidade de se falar em juventudes²⁶, no plural, pois há realidades distintas, principalmente em função das classes sociais e grupos étnico-raciais. Além disso, foi recuperado o próprio histórico da ideia de juventude, mostrando o quanto ela era variada conforme cada tempo, desde a Idade Média.

Todas essas etapas foram realizadas à luz das posições individuais – primeiro – e em grupo – depois – a partir de questionamentos sobre a sua própria percepção de ser jovem e o que foi apresentado. O mesmo movimento foi feito em relação a produtos do entretenimento, com o foco em debater preferências em relação às faixas etárias de protagonistas. Foram processos que envolveram outros dispositivos culturais como um trecho da canção “Triste”, de Antônio Carlos Jobim, para problematizar a relação direta entre solidão e tristeza, nesse caso pela impossibilidade do amor. Desse modo, a oficina procurou traçar estratégias subjetivas e coletivas para estimular reflexões sobre o bombardeio midiático das redes sociais e individuais frente à solidão. Uma das estratégias em relação a esse tema foi incentivar o resgate de narrativas de solitários que trouxessem uma perspectiva positiva e encantadora na mídia, de modo que a solidão tenha sido enaltecida. O objetivo foi pensar a solidão também como um lugar de fortalecimento da subjetividade, da possibilidade de criação e de encontro consigo mesmo, mediante processos autorreflexivos.

Para melhor trabalhar essa proposta, foi apresentado outro dispositivo cultural, que consistia em um poema anônimo, de título “O mundo era meu e nele eu reinava”. Trata-se de um poema infantil, ilustrado com uma criança sentada, feliz, no alto de uma montanha, contemplando o mundo (Figura 2). Diante dessa imagem e texto, os participantes foram convidados a repensar a solidão,

26. Entre outros, GROppo, Luís Antonio. *Juventudes*. São Paulo: Clube do Autor, 2016.

caminhando no sentido de compreendê-la em sua totalidade. Foi solicitado que refletissem, mesmo individualmente, sobre imagens da solidão que mais consomem ou que consideram ser as que identificam como corretas. A partir dessas memórias, o coletivo foi separando quais traços midiáticos de representação poderiam ser identificados, de modo a perceberem que nós carregamos memórias que consumimos, isto é, memórias que nem sempre foram construídas por nossas vivências pessoais, mas por construções imagéticas e midiáticas compartilhadas, criando senso comum, sentido e significado de vida por vezes cristalizados. Romper tal percepção implica em procurar, muitas vezes, seus próprios momentos em que estar sozinho amplifica uma sensação de potência, de individualidade plena.

Figura 2: Poema infantil “O mundo era meu e nele eu reinava”²⁷

O mundo era meu e nele eu reinava

(um caminho para lembrar de um momento sozinho...)

Era tudo meu
Quanto me cercava:
As aves, e os peixes
Que o mar me mostrava

O mundo era meu
E nele eu reinava

Pra mim é que a abelha
Zumbia e voava
E a ave era minha
que ondeando passava

O mundo era meu
E nele eu reinava...



Nos outros dois encontros, essa lógica de primeiro se observar, depois discutir coletivamente e em seguida criar novas formas de expressão, sejam individuais ou coletivas, se manteve, principalmente a partir de produções audiovisuais. Com essa condução, as atividades foram propostas considerando as seguintes questões: quais sentidos realmente usamos no cotidiano? Que histórias eles têm? Quem “educou” nossos sentidos? Como interagimos com as narrativas midiáticas e a partir de quais sentidos? Sob essas interrogações foram projetados alguns curtas de animação que abordavam temas que ofereciam subsídios para os objetivos de cada uma das oficinas seguintes. Esses materiais foram escolhidos considerando a necessidade de trabalhar conceitos de sociedade, possibilidades de construção de caminhos de esperança e criação de laços sociais. A partir de uma perspectiva crítica, e com a intenção de compartilhar mecanismos de fortalecimento de redes para criação de novas estéticas, novos sentidos, novos caminhos, a segunda oficina foi iniciada com a animação *Happiness*²⁸. Antes da exibição do vídeo, foi solicitado aos participantes que observassem e fizessem notas sobre a obra com base nas seguintes provocações: o que lhe incomoda na animação? O que você gosta? Que “mensagem” ela traz? Que órgãos do sentido ela aciona “virtualmente”?

27. O MUNDO era meu – e nele eu reinava. In: *Tesouro da juventude*. São Paulo: Editora Brasileira, 1959. p. 191, v. XI. (Livro da poesia).

28. HAPPINESS. Direção: Steve Cutts. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Steve Cutts. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e-9dZQelULDk>. Acesso em: 2 dez. 2024.

As respostas a essas interrogações giraram em torno do desconforto que o vídeo causava por apresentar questões sociais vivenciadas no cotidiano, tais como a uniformização dos indivíduos e o desaparecimento do sujeito, considerado enquanto “massa”; a busca pela felicidade mediante o consumo; o entorpecimento social e o consequente entorpecimento farmacológico que direcionam os entendimentos e perfazem as práticas automatizadas na engrenagem social. A estética da animação foi muito criticada, em especial as formas e cores utilizadas: alguns grupos destacaram que o emaranhado das ilustrações dialogava bem com o que a obra buscava apresentar; outros confessaram uma experiência estética diferente, afirmando que as cores opacas e escuras, tanto quanto as situações retratadas, provocavam uma sensação de claustrofobia e desânimo frente à realidade representada. Essa divisão provocou uma certa tensão que foi superada com a atividade seguinte: uma proposta de enumeração, realizada em grupo, com a mesma temática do poema “Felicidades”, de Bertold Brecht²⁹, apresentado na íntegra em *slide*.

Nessa atividade, os grupos se organizaram e as suas produções expressaram a felicidade a partir de pequenos gestos cotidianos, valorizando a simplicidade dos elementos de seu dia a dia e a possibilidade de construir significados relevantes para uma produção positiva de simbologias, expressando releitura de momentos simples que ressituvam suas perspectivas de serem felizes. Depois, mais propostas foram desenvolvidas, sempre fazendo o movimento de apropriação, leitura crítica e possibilidades reais de novas interpretações. Ao final dessa segunda oficina foi apresentada o vídeo de animação *Overcomer*³⁰, de Hannah Grace, que foca sua própria ansiedade e depressão, vivenciadas anos antes. A narrativa novamente dividiu os participantes, pois, ao mesmo tempo que tiveram uma percepção da obra como potencializadora de novas formas de ressignificar a dor, também foi ressaltada a dimensão muito focada no indivíduo. Para os presentes, entre outras ponderações, a animação não retrata claramente os caminhos traçados para que a personagem principal construísse uma trajetória de esperança. Contudo, as críticas não impediram que considerassem ser muito relevante a jovem ter idealizado e desenvolvido uma produção que alcançou ampla visibilidade, além de conquistar reconhecimento acadêmico e profissional. Tais processos, segundo os participantes, fortalecem a visão da juventude como criadora de sentidos e potencializadora de novas forças motrizes da sociedade.

Todas essas discussões e questões foram retomadas como eixo condutor da terceira e última oficina, mas sob a chave dos embates entre o individual e coletivo que ainda persistem na sociedade. Nesse encontro, foram problematizados o excessivo foco da mídia no sujeito; os esquematismos que precisam ser observados, em especial quando o tema for a dor extrema; e como a mídia e a cultura podem ajudar a cultivar espaços de sociabilidade e de sentidos para a vida, ou seja, cultivar a esperança do viver. Outros temas também foram retomados e aprofundados, tais como a concepção e definição de dor a partir de uma abordagem social e cultural³¹. Nessa oficina, a opção foi por orientar as atividades a partir de diversos dispositivos artísticos culturais como o “Poema concreto”,

29 A proposta da oficina é inspirada na obra BARBOSA, Severino Antônio M.; AMARAL, Emília. **Redação: escrever é desvendar o mundo**. 5. ed. Campinas: Papirus, 1989.

30. OVERCOMER. Direção: Hannah Grace. [S. l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal Hannah Grace. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V6ui161NyTg>. Acesso em: 2 dez. 2024.

31. SARTI, Cyntia A. A dor, o indivíduo e a cultura. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 3-13, 2001.

de Thiago de Mello³² e o curta “Eu tenho um cachorro preto e seu nome é depressão”³³. Os debates sobre o vídeo apontaram a necessidade de haver o reconhecimento individual sobre a dor articulado a um trabalho de coletividade enquanto rede de apoio para cultivarmos, cotidianamente, a esperança. Já a poesia trouxe à tona a possibilidade de se aceitar que a dor, muitas vezes, é algo intangível e difícil de se nomear ou até mesmo acessar com clareza.

Após a realização de outras atividades – que não abordaremos aqui em função do limite de espaço –, a última oficina foi concluída destacando, em especial, o que discute Adilson Citelli³⁴ quanto à aceleração atual do tempo que tanto contribui para exacerbação da ansiedade, situação que não pode ser confundida com a urgência de certos debates colocados hoje para a sociedade. O caminho para aprofundar essa questão foi a exibição de um trecho do filme *AmarElo – é tudo para ontem*³⁵, lembrando antes que amarelo é um alerta, é um meio de caminho. Por exemplo, quando o farol está amarelo, ele tanto pode estar nos preparando para o verde quanto para o vermelho, e é essencial perceber que um ou outro nos movem. Ou seja, a espera pode ser o momento de gestação do novo, enquanto o deslocamento pode nos levar a novos mundos. Essa metáfora foi muito discutida, proporcionando um arco de argumentações que valorizaram, em especial, os processos desenvolvidos e a chance de se expressar e interagir a partir de uma temática que reconheceram como muito próxima e muito distante ao mesmo tempo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre as diversas reflexões que as oficinas permitiram, uma das mais significativas foi observar que em todos os debates houve um intenso compartilhamento do modo como os participantes viam o antes e o depois, destacando, muito especialmente, como muitos produtos midiáticos são absorvidos sem as devidas problematizações, o que pode amplificar os processos de dor, entre outras consequências. Foi muito apontado o quanto a perspectiva individual gera processos invisíveis de culpa e responsabilização, e o quanto debater tais processos em grupo promove novos posicionamentos e avaliações, alterando, quase sempre, percepções iniciais distorcidas. Essas dimensões valem tanto pelo aspecto do que causa a dor, quanto pelos processos vinculados aos modos de se relacionar com ela, superá-la ou de redimensioná-la mediante as interações sociais.

São diagnósticos que dialogam com a perspectiva de descristalizar concepções e representações da dor, situação que envolve a palavra³⁶, observada como um recurso primário e fundamental para colocá-la sob uma nova perspectiva. Ou seja, a fala, o compartilhamento e o engajamento na busca por novas leituras do mundo são potencializados em espaços de coletividade, onde há trocas e escuta. Essa reflexão remete à Hannah Arendt quando, homenageando a escritora dinamarquesa Isak Dinesen, reforçou seu legado nestes termos: “Todas as dores podem ser suportadas se você as puser em uma história ou contar uma

32. MELLO, Thiago de. Poema concreto. **Vida em poesia**, [S. l.], [2001]. Disponível em: <http://www.vidaempoesia.com.br/thiagodemello.htm>. Acesso em: 28 set. 2022.

33. Eu tenho um cachorro preto e seu nome é depressão. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal ONU Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DzU63rT4L5Y>. Acesso em: 3 dez. 2024.

34. CITELLI, Adilson. Educação: temporalidades e sujeitos. In: CITELLI, Adilson (org.). **Educomunicação: comunicação e educação: os desafios da aceleração social do tempo**. São Paulo: Paulinas, 2017. p. 11-26.

35. AMARELO – é tudo para ontem. Direção: Fred Ouro Preto. Produção: Evandro Fióti. São Paulo: Netflix Brasil, 2020.

36. Nasio, Juan-David. **O livro da dor e do amor**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

história sobre elas”³⁷. Seguindo essa trilha, é possível afirmar que o processo do contar abre a prerrogativa de nossa subjetividade poder ser construída positivamente, perfazendo-se em contraponto ao outro para quem se escreve e que lerá ou ouvirá sua história. Mesmo em processos intrassubjetivos, o outro se faz presente dentro de sua medida.

Paulo Freire³⁸ destaca a esperança enquanto necessidade ontológica do homem numa perspectiva de ação e não de espera. Provoca uma visão, dentro de seu posicionamento crítico-social, de que os sujeitos promovem suas próprias condições de esperar, almejando e lutando por elas, em comunhão, diálogo e mobilização. Esse autor nos traz a importante dimensão do processo educativo como ato comunicativo, mediatizado pelos sujeitos que o compõem, além da concepção de se olhar para as mídias enquanto meios condizentes e necessários ao seu tempo histórico, em outros termos, considerá-las também atravessadas por intencionalidades³⁹. Desse modo, o projeto dessas oficinas buscou, mediante as ações desenvolvidas, criar espaços de esperança que impulsionassem os indivíduos a processos reflexivo-ativos, conscientes e críticos. A proposta foi criar e recriar narrativas midiáticas, promovendo espaços de expressão e significação que pudessem traçar novos horizontes de leitura do mundo.

Assim, ao reconhecer a irreversibilidade do processo de mediatização da sociedade, é preciso dar o passo seguinte: munidos de uma perspectiva crítica, trazer para o debate cotidiano as produções de sentido e o modo como as narrativas midiáticas influenciam a sociedade e, por conseguinte, nossas trajetórias. Diante dessa possibilidade, a educação deve assumir os desafios que a própria juventude lhe apresenta. Representações da dor vivenciadas por processos de automutilação, *bullying*, ideações suicidas e redes de compartilhamento de comportamentos autolesivos ou destrutivos não podem mais ser narrados nas mídias e ignorados⁴⁰. Nesse sentido, a sala de aula precisa ser entendida como espaço de reflexão e principalmente de expressão potente, com possibilidade de criar novas compreensões a partir da revisão das próprias percepções e opiniões, independente do gosto ou primeiras avaliações. Fazer pensar depende de recorrer a produtos inesperados, organizados a partir de reflexões prévias, o que nem sempre é tão possível para os docentes, como também é preciso reconhecer.

Enfim, a despeito dos seus claros limites em função do número de participantes e de encontros, enquanto instrumento-processo de investigação exploratória as oficinas permitiram perceber potenciais caminhos de abordagem e problematização das difíceis temáticas da dor extrema e do suicídio. Este último foi de certo modo desviado, isto é, não tratado diretamente, em função das questões éticas e do rol de situações que são avaliadas como possibilidades de elemento disparador da ideação suicida. Nesse sentido, foi extremamente relevante todo o estudo realizado anteriormente por nós sobre os materiais produzidos pelo Centro de Valorização da Vida (CVV) e por outros outros núcleos de saúde que se dedicam ao tema e que aqui não foram abordados por conta do limite de espaço.

37. ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução: Roberto Raposo. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

38. FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. Notas: Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

39. FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

40. ALUNOS entram em desafio com automutilação em escola no interior de SP; Psicóloga alerta para riscos e como lidar com situação. **G1**, Vale do Paraíba, 4 maio 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2022/05/04/alunos-entram-em-desafio-com-automutilacao-em-escola-no-interior-de-sp-psicologa-alerta-para-riscos-e-como-lidar-com-situacao.ghtml>. Acesso em: 18 ago. 2022.

De todo modo, esse gesto último, o suicídio, que, reafirmamos, é multifatorial, circundou os debates sobre dor extrema, apesar dos diversos impeditivos já apontados. Por isso, insiste-se aqui na ênfase em uma lógica simples que norteou todas as atividades da oficina e que, conforme empreendidas as avaliações, revelou-se produtiva. Essa lógica é a de oferecer material midiático de possibilidades de leituras e interpretações diversas, permitir e estimular interpretações singulares, resgatando experiências pessoais e memórias afetivas e, finalmente, incentivar debates e escritas expressivas que resgatem o prazer de elaborar textos e/ou imagens – desenhos, fotos –, proporcionando interação social, concomitante à percepção de si como alguém que sente, vê e quer agir no mundo. Em outras palavras, seria participar ativamente de um processo em que o observar e o expressar é compartilhado com mais pessoas no contexto educativo, sendo este reconhecido como um lugar de emoções, aprendizagens, relacionamentos e coletividades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALUNOS entram em desafio com automutilação em escola no interior de SP; Psicóloga alerta para riscos e como lidar com situação. **G1**, Vale do Paraíba, 4 maio 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2022/05/04/alunos-entram-em-desafio-com-automutilacao-em-escola-no-interior-de-sp-psicologa-alerta-para-riscos-e-como-lidar-com-situacao.ghml>. Acesso em: 18 ago. 2022.

AMARELO – é tudo para ontem. Direção: Fred Ouro Preto. Produção: Evandro Fióti. São Paulo: Netflix Brasil, 2020.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução: Roberto Raposo. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

ALVES, Walcéa Barreto; RANGEL, Mary. **A escola no espelho: as representações do aluno**. Niterói: EDUFF, 2019.

BARBOSA, Severino Antônio M.; AMARAL, Emília. **Redação: escrever é desvendar o mundo**. 5. ed. Campinas: Papirus, 1989.

BERTOLETE, José Manoel. **O suicídio e sua prevenção**. São Paulo: Editora da Unesp, 2012.

BORGES, Ieda Cristina et al. **Saúde, mídia e comunicação**. Presidente Prudente: Editora CdeA Campos, 2023.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: JANOTTI JR, Jeder; MATTOS, Maria Ângela; JACS, Nilda (org.). **Mediação & midiatização**. Salvador: EDUFBA; Compós, 2012. p. 31-52.

CITELLI, Adilson. Educomunicação: temporalidades e sujeitos. *In*: CITELLI, Adilson (org.). **Educomunicação: comunicação e educação: os desafios da aceleração social do tempo**. São Paulo: Paulinas, 2017. p. 11-26.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

EU TENHO um cachorro preto e seu nome é depressão. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal ONU Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DzU63rT4L5Y>. Acesso em: 3 dez. 2024.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a *Pedagogia do oprimido*. Notas: Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 84. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Educar com a mídia**: novos diálogos sobre educação. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GONÇALVES, Carolina Resende. **Diante de uma questão de saúde pública, haja consciência!** Mediações, narrativas e circulação de sentidos sobre o suicídio. 2022. Dissertação (Mestrado em Informação e Comunicação em Saúde) – Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2022.

GROPPO, Luís Antonio. **Juventudes**. São Paulo: Clube do Autor, 2016.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HAPPINESS. Direção: Steve Cutts. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Steve Cutts. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e9dZQelULDk>. Acesso em: 2 dez. 2024.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A tela global**: mídias culturais e cinema na era hipermoderna. Porto Alegre: Sulina, 2009.

MARQUETTI, Fernanda Cristina. **O suicídio como espetáculo na metrópole**. São Paulo: FapUnifesp, 2011.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MELLO, Thiago de. Poema concreto. **Vida em poesia**, [S. l.], [2001]. Disponível em: <http://www.vidaempoesia.com.br/thiagodemello.htm>. Acesso em: 28 set. 2022.

O MUNDO era meu – e nele eu reinava. *In*: **Tesouro da juventude**. São Paulo: Editora Brasileira, 1959. p. 191, v. XI. (Livro da poesia).

NASIO, Juan-David. **O livro da dor e do amor**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

OVERCOMER. Direção: Hannah Grace. [S. l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal Hannah Grace. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V6ui161NyTg>. Acesso em: 2 dez. 2024.

RIBEIRO, Renata Rezende. Narrativas da dor no cotidiano midiático: fragmentos audiovisuais sobre tentativas de suicídios de jovens no YouTube. *In: TAVARES, Denise; GUTFREIND, Cristiane Freitas; RIBEIRO, Renata Rezende (org.). **Emoções e razões midiáticas**: narrativas e imagens nas redes sociais e no audiovisual. São Roque: Gênio Editorial, 2023. p. 55-76.*

SARTI, Cyntia A. A dor, o indivíduo e a cultura. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 3-13, 2001.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Soares, Rosana de Lima; Miranda, Amanda Souza de. O narrador nos realismos audiovisuais: formas narrativas informativas e ficcionais. *In: Barros, Laan Mendes; Marques, José Carlos, Médola, Ana Silva (org.). **Produção de sentido na cultura midiaticizada**. Belo Horizonte: PPGCom/UFMG, 2020. p. 279-294.*

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006.

TAVARES, Denise. O audiovisual e as mídias digitais na sala de aula: o desafio de despertar vocações. *In: TAVARES, Denise; FARBIARZ, Alexandre; ALVES, Walcea (org.). **Mídia e cotidiano na educação básica**: olhares sobre o letramento midiático. Niterói: EDUFF; São Roque: Gênio Editorial, 2023. p. 148-175.*

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

THOMPSON, John B. A interação mediada na era digital. **MATRIZES**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 17-44, 2018. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v12i3p17-44.

UMA em cada 100 mortes ocorre por suicídio, revelam estatísticas da OMS. **Opas**, Washington, D.C., 17 jun. 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/17-6-2021-uma-em-cada-100-mortes-ocorre-por-suicidio-revelam-estatisticas-da-oms>. Acesso em: 26 jun. 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Suicide worldwide in 2019**: Global Health Estimates. Geneva: WHO, 2021. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240026643>. Acesso em 3 dez. 2024.

